

PELO MUNDO...

COMENTARIOS

EMA GOLDMAN

China

A China e os bolchevistas — A «amizade» dos comunistas russos.

(Do correspondente da «Ino» na China).

Os imperialistas de todos os países não temem que o movimento revolucionário da China se reduza unicamente à propaganda bolchevista. Os ditadores de Moscovia estão muito satisfeitos com a diplomacia vermelha que trabalha melhor do que a branca, porque a primeira, em benefício do chamado governo soviético, serve-se da palavra «comunismo» e da «Internacional».

Eu mesmo estudei em Moscovia, na Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente, e por isso desejaria tornar conhecido dos trabalhadores de todos os países o papel criminoso que os bolchevistas desempenham na China. Desejaria informar-vos sobre as relações dos chineses com a revolução russa, sobre a aparição emergente dos bolchevistas na China, e as razões que os levaram a desligar-se para o partido burguês «Gomidan», e sobretudo no que diz respeito à diplomacia Vermelha no Oriente.

Se concessessem o movimento socialista da China, poderíeis compreender que a aparição dos bolchevistas neste país foi coisa estranha; pela simples razão de que aqui, até aos fins de 1919, só eram conhecidos os socialistas e os anarquistas.

Pois bem, embora não conhecessemos nem uma proclamação, e nem sequer tivéssemos visto um folheto bolchevista, o nosso movimento revolucionário era tão potente que os representantes do povo chinês não se atreveram a assinar o tratado de Versalhes contra a vontade popular. Depois do movimento contra o imperialismo japonês, os chineses começaram a interessar-se pela revolução russa; porém a imprensa reaccionária contava-nos que na Rússia reinava o Caos, é que o país carecia de governo.

Os anarquistas interpretando erroneamente a situação russa, simpatizaram até certo ponto com a anarcófila divisa dos bolchevistas.

Em fins de 1919, chegou de Moscovia a Pekim o bolchevista Weitinski, com representação da Internacional Comunista, levando muitos rublos em ouro para desenvolver a propaganda bolchevista na China. Primeiro estabeleceu relações amistosas com estudantes anarquistas, editando logo em Pekim um diário que tratava da revolução russa.

Ao mesmo tempo organizou um «bureau» informador das notícias da Rússia. Mais tarde, Weitinski manifestou que os anarquistas deviam submeter-se às suas ordens, se desejavam que os artigos sobre bolchevismo fossem aceites no diário. Naturalmente, os anarquistas repeliram esta imposição, e separaram-se dos bolchevistas.

Durante este tempo, Weitinski chegou a relacionar-se com Tchen-Tu-Tchin, professor da Universidade estadual de Pekim. Este era de tendência democrata-burguesa, e editava a revista «Novo Jornal». Pouco depois simpatizou com a religião cristã, lançando raios contra o socialismo.

Ao festejar-se a insurreição nacional, espalhou uma proclamação sobre a importância que constituía a revolução nacional. Por este motivo, Tchen-Tu-Tchin foi preso, mas devido ao protesto dos estudantes (era membro do partido burguês «Gomidan») foi posto em liberdade, e tendo-se-lhe proibido que se dedicasse ao ensino, partiu para Xangai.

No outono de 1920, Weitinski, em companhia dum anarquista chinês nesta cidade o camarada Tchen-Tu-Tchin.

Nessa ocasião a editorial «A Nova Juventude» imprimiu o livro de Russel «O caminho da liberdade». Aqui também libertários depressa se persuadiram que toda a cooperação com os bolchevistas era impossível, regressando Weitinski pouco tempo depois a Pekim.

Tchen-Tu-Tchin, imediatamente, organizou um agrupamento juvenil, intitulando-o «União Socialista Juvenil». Tinha-se horror de empregar o nome «comunismo».

O primeiro artigo dos estatutos da dita organização dizia que todo o membro da agrupação devia professar o socialismo. Aos estudantes das escolas nacionais e superiores disse-se-lhes que todo o membro do grupo iria estudar gratuitamente a Moscovia.

Em princípios de 1921 reuniram-se em Xangai cerca de 100 educandos de diversas cidades, que desejavam tirar os seus cursos em Moscovia. Entre eles havia simples educandos, socialistas, bolchevistas e alguns anarquistas. Todos desejavam partir para Moscovia, ainda que as suas tendências fossem diferentes.

O governo chinês, porém proibiu a saída dos estudantes, e muitos deles foram detidos, de forma que só 40 estudantes chegaram a Moscovia.

Ao chegar à Rússia, depressa vimos que não era o paraíso da humanidade e a Universidade Comunista dos Proletários Orientais, assemelhava-se a uma prisão. O reitor da Universidade manifestou-nos que devíamos constituir um Comité Central para representar todos os estudantes chineses.

O C. C. dispunha de muita autoridade, e era o interprete entre o reitor e os estudantes.

Todas as palavras e todas as acções dos estudantes estavam sob o controlo do C. C. Era-nos proibido ler os livros anti-bolchevistas assim como nos tinham proibido enviar cartas para a China que tratassem da situação russa.

Após três meses, a função do C. C., acabou. Todos os estudantes desejavam ardentemente a liquidação do C. C., só um bolchevista ignorante nos dizia: «O princípio organizador do bolchevismo é o Centralismo e a nossa divisa é a Ditadura do Proletariado».

Um dos estudantes respondeu-lhe:

«Qual de nós é do proletariado?»

Os adeptos do C. C. diziam ao director da Universidade que a maior parte dos estudantes eram acratas, pelo que, no verão seguinte, mais de metade foram enviados para a China. Além disso, no 3.º Congresso da Internacional Comunista apareceram quatro delegados do partido comunista chinês. Cada um deles informou a Terceira Internacional que o partido Comunista chinês trabalhava com assiduidade, e que na vida política desempenhava um grande papel, solicitando do congresso recursos pecuniários para os trabalhos de propaganda. Naquela data não existia todavia o Partido Comunista na China; no entanto a I. C. indicou como delegados Tchen-Tu-Tchin.

Durante a Conferência de Washington, os bolchevistas convocaram em Moscovia um congresso dos revolucionários do Oriente, no qual tomaram parte 40 delegados chineses, entre eles também os representantes do partido burguês «Gomidan», pois que a ordem do congresso era «União de todos os elementos revolucionários para a luta contra o Imperialismo». Mas os bolchevistas chineses estavam em desacordo com a delegação operária de Cantão, por ser composta de anarquistas.

As outras delegações não se atreveram a atacá-la e o resultado foi: «accite por unanimidade».

No 5.º Congresso da Terceira Internacional resolveu-se visto que a revolução na China ainda não tinha terminado — que os proletários lutassem juntamente com a burguesia pela revolução nacional, ordenando aos trabalhadores que ingressassem no partido «Gomidan».

Até ao Congresso Tchen-Tu-Tchin protestou contra semelhante tactica, porém, depois do congresso, submeteu-se às resoluções da Terceira Internacional. Ao regressar à China, organizou imediatamente uma Liga dos Ferroviários. Na primavera de 1923, os bolchevistas da linha ferroviária Pekin-Hankon declararam a greve. Muitos operários foram durante esta greve assassinados pelos militares. Depois da greve os bolchevistas leais receberam 50.000 rublos de Moscovia, recolhendo, além disso, 20.000 dollars em diversas cidades chinesas para auxiliar os operários na miséria; porém, uma vez que apanharam o dinheiro na mão, não entregaram um só rublo ou dolar aos operários desempregados, que morriam de fome, mas guardaram-nos nas suas algibeiras.

O proletariado começou a conhecer o estofa moral dessa gente, adquirindo o movimento um significativo caracter anti-bolchevista. Numa declaração, os trabalhadores manifestaram publicamente que os bolchevistas usurpam o nome da Ditadura do Proletariado para enganar os operários, e que sabiam perfeitamente que os bolchevistas são piores que os militaristas, porque exploram os trabalhadores dum forma tão descarada como miserável.

Depois das «questões» de Xangai, os estudantes bolchevistas organizaram um C. C. dos sindicatos profissionais da China; porém, o que é sintomático é que entre eles não havia um unico operário. Também nesta ocasião os bolchevistas recolheram dinheiro para ajudar a hipotéticos operários, o qual ficou nos seus bolsos. Pouco tempo depois os operários, não podendo suportar tanta amoralidade, agrediram os membros da C. C., chegando alguns destes a ser feridos.

Ao mesmo tempo o movimento anti-imperialista da China foi estrangulado pelos bolchevistas de Moscovia, muitos estudantes chineses foram detidos na Rússia, e ainda hoje, se encontram nas prisões dos bolchevistas, porque estes temem os imperialistas japoneses, e desejam manter «relações amigáveis» com o imperialismo do Oriente.

Ao notarem os bolchevistas, que o nosso povo não queria saber deles, e que os trabalhadores principiavam a combatê-los mudaram de tactica. Dirigiram-se aos militaristas, aos politiqueros e generais com o falso pretexto de abastecer o exército, e proporcionar-lhe dinheiro. Desta maneira introduziram tanto no seio dos governos provinciais, como do exército nacional, muitos oficiais vermelhos que, com as suas próprias armas, massacraram o povo chinês.

Há um mez que regressou de Moscovia a Pekim o senhor Tchen-Tu-Tchin, admirando-se da propaganda anti-bolchevista de China. Escreveu um artigo intitulado: «Existe um imperialismo branco e outro vermelho», pretendendo demonstrar que o moderno imperialismo é constituído pelo capital financeiro, e como na Rússia não existe tal capital financeiro, ela não pode oprimir os outros países.

Dum modo geral, artigos desta natureza não teriam despertado antes oposição, porém o ambiente actual chinês está completamente mudado. Uma série de eminentes publicistas escreveram vários artigos, nos quais tendem a demonstrar que o bolchevismo não é senão o imperialismo vermelho, que não deixa de ser inimigo dos povos oprimidos do Oriente.

Alguns articulistas disseram: «Na Rússia não existe o comunismo, e os bolchevistas empregam esta palavra para enganar o nosso povo. A tactica da Intea nacional Comunista é apenas de auxilio-r governo de Moscovia que o apoia no seu imperialismo vermelho».

As polemicas sobre este assunto ainda não terminaram, porém nota-se que a animosidade dos revolucionários chineses para com os bolchevistas vai crescendo dia a dia, e mesmo perante os nacionalistas o governo soviético não gosa já de grande simpatia.

Devemos combater com todas as nossas forças o imperialismo, e por isso solicitamos o auxilio do proletário internacional, confiando que não nos abandonarão neste movimento revolucionário.

O nosso querido director...

O querido e presado director do diário operário tomou ultimamente uma resolução, que a ser tomada por outra pessoa nos faria irritar, mas por quem o foi só pode provocar uma gargalhada bem sonora.

Essa medida consiste em não permitir a permanência de camaradas dentro da redacção. Bem entendido que ficam salvaguardados esses meninos que lhe fazem tagatés e todos esses refinados patifes que fazem parte dos jornais burgueses, e em quem o querido e presado director costuma inspirar-se para orientação do seu órgão.

E quando chegará o momento dos que agora não podem permanecer na redacção, remeterem o camarada ditador para a mercenaria, local que lhe achamos mais adequado?

Luta de classes...

Pelo que parece, uma parte dos militantes operários encartados, caminha cada vez mais na defeza e manutenção do principio de luta de classes.

Num grande estabelecimento do Estado ha um militante que faz parte do Conselho de Administração. Este mesmo militante é redactor da importante secção dos pontapés na bola, do órgão operário, motivo porque não nos admira que desempenhe essa função colaboracionista. Deve tratar-se de influencia do meio, pois que também o presado e querido director do órgão, muito sindicalisticamente, faz parte da republicana e estatal Liga dos Direitos do Homem.

Os catrairos e o compadre

Temos novamente em scena o impagavel presidente da Cooperativa dos Catrairos do Porto de Lisboa, camaradinho José de Almeida. Como todos se recordam muito bem, este senhor é o tal que organizou o passeio fluvial e visita às oficinas, do seu compadre Bernardino Machado; que ao mesmo compadre enviou um enorme safo, por intermedio de dois serventários da Cooperativa; que numa feira nos arredores de Lisboa comprou uma santinha por 15.400, etc., etc.

Pois este mesmo senhor, no dia do aniversario da Cooperativa ofereceu — com os dinheiros de mesma — um piparo banquete a todos os seus amigos, e como não se desse por satisfeito, ainda recentemente, quando do lançamento dum nova lancha a que deu o nome de *Alzira*, como homenagem à sua comadre, esposa do citado compadre Bernardino, aproveitou a oportunidade para, com os mesmos fundos, oferecer um novo banquete.

No entanto, o pessoal da Cooperativa que ha quasi dois anos não consegue pôr a vista em cima dos balancetes de contas, e que trabalhando em parte onze a doze horas por dia, auzera a miseravel fêria semanal de 6 a 7 dezenas de escudos, parece que ainda não julgou chegado o momento de agarrar pela gola do casaco a mestre José de Almeida e depositá-lo na porta da rua.

Colaboradores, oferecem-se...

Suspendeu a *Renovação*. Se por um lado lamentamos o facto, por se tratar do desaparecimento dum revista de propaganda, por outro sentimos-nos satisfeitos. A imprensa revolucionaria existente vai ter assegurada a colaboração dum punhado de dedicados e simpáticos meninos jornalistas.

Vamos ter prosa em abundancia, mas para isso vamos iniciar subscrições que paguem a tanto por linha os sinceros e desinteressados artigos dessa cáfila de comilões que colaborava na *Renovação*, na razão directa das notas que recebia.

Infamias comunistas...

Os comunistas constituem uma autentica organização internacional de traições e infamias.

Um caso sucedido recentemente em Buenos Ayres dá-nos uma ideia clara de quanto esses impostores são capazes. Tendo o Comité Internacional pró-Sacco e Wanzetti, com sede na América do Norte, enviado um telegrama para a redacção do jornal anarquista argentino «La Antorcha» informando de que a justiça americana se tinha negado a fazer a revisão do processo que condenou a morte esses dois anarquistas, resolveram os camaradas de «La Antorcha» iniciar imediatamente uma forte agitação que anule as intenções dos governantes americanos. Neste sentido um grupo de anarquistas dirigiu-se ao Salão Augusteo onde nessa noite tinha lugar uma sessão de solidariedade para com os mineiros ingleses em greve, sessão llevada a efeito pelos comunistas e socialistas locais.

Chegados ao Salão, no momento em que a sessão ia terminar, um dos componentes do grupo subiu a um camarote e começou dizendo à multidão a noticia que tinha chegado. Imediatamente os chefes comunistas e socialistas começaram abandonando o palco e gritando que a sessão tinha findado. Como este expediente não desse resultado, apagaram as luzes, mas, mesmo assim, a voz empolgante do anarquista Gonçalez Pacheco continuou a fazer-se ouvir num formidável discurso.

Então os comunistas enveredaram pelo terreno da canalhice maxima: — começaram cantando *A Internacional* em coro e em altos berros.

Mas embora conseguissem gritando atabafar esse protesto eloquente, não lhes foi possível impedir que a voz de trovão de

Juntamente com Max Baginski, apresentou ao congresso um extenso relatório sobre o movimento norte-americano.

Voltando à America fez tres novas «tournees» de conferencias, extendendo-as a localidades onde até então nunca se tinha ouvido falar em anarquismo. Em S Francisco, foi ouvido um soldado, William Burwala, que por esse motivo foi condemnado a um ano de prisão pelos tribunais marciais do «país da liberdade». Ao sair da prisão, perdeu o governo americano um soldado e ganhou a causa da liberdade mais um homem.

Em 1909 começou o governo da «Ivre» America a estudar a maneira de expulsar do país. Legalmente não o podia fazer, porque seu pai e seu ex-marido, embora nascidos na Rússia, eram ambos cidadãos americanos naturalizados.

No entanto, as autoridades federais de Washington puzeram em pratica varias medidas para se desembaraçarem da sua presença, mas só conseguiram realizar os seus planos quando a America decidiu militarizar-se e intervir no conflito europeu.

Nessa ocasião Ema Goldman desenvolveu uma activa propaganda contra a introdução do serrigo militar obrigatório nos Estados Unidos, propaganda que era entusiasticamente aceite pelas massas trabalhadoras, o que lhe valeu novas perseguições.

Preso e julgada em 1917 no tribunal de New-York, onde fez uma brilhante defeza das suas ideias anarquistas, foi condemnada a dois anos de penitenciaría, seguidos de expulsão para a Rússia.

A primeira parte da sentença cumpriu-se na penitenciaría de Jefferson City, persuadida que a segunda não chegaria a ser posta em pratica.

Mas a imprensa burguesa não a esqueceu durante este tempo, levantando uma viva campanha, ao terminarem os dois anos de penitenciaría, contra a sua permanencia em território americano.

E em fins de 1919 o governo «yankee» deu-lhe satisfação, mandando-a para a Rússia a bordo do velho e arruinado vapor «Buford», na companhia de varios anarquistas russos, entre eles Alexandre Berkman. Chegou ao palz dos soviets em 19 de Janeiro de 1920, e as autoridades bolchevistas prestaram-lhes, assim como aos seus companheiros, as maiores homenagens, preparando-lhes uma carinhosa recepção.

Ema Goldman, cheia de entusiasmo pelo movimento revolucionário das massas da Rússia, e julgando que os bolchevistas acompanhavam com sinceridade esse grandioso movimento, preparou-se para trabalhar ao lado deles na obra de transformação social em que os supunha interessados, mas bem depressa sofreu uma das mais rudes desilusões da sua vida, constatando que a revolução afinal tinha sido assassinada por aqueles que se diziam os seus melhores defensores.

Depois de dois anos de permanencia na republica bolchevista, impossibilitada dali fazer qualquer trabalho de propaganda das suas ideias, viu-se obrigada a exilar-se do seu país natal e a vir pedir hospitalidade aos países capitalistas.

Expulsa das republicas fronteiriças à Rússia, só conseguiu em Berlim uma autorização de residencia com a condição de ali não tomar parte activa na propaganda revolucionaria. Como, porém, não cumpriisse a sua promessa por ocasião do 1.º de Maio de 1924, tendo feito uso da palavra num comício realizado em Berlim, foi novamente expulsa da Alemanha.

Nessa ocasião encontrava-se no poder na Inglaterra o partido trabalhista, chefiado por Macdonald, que autorizou Ema Goldman a ir viver naquele país, onde, segundo parece, se tem conservado até agora.

Como complemento às notas biográficas por nós publicadas sobre Ema Goldman achamos conveniente traduzir as palavras de que foram precedidos os seus primeiros estudos sobre a Rússia bolchevista, e que tantos ataques mereceram de todos os comunistas, chegando até a accusá-la de vendida à burguesia norte-americana, talvez por suporém, por experiência própria que ninguém é capaz de defender com entusiasmo uma determinada ideia senão mercenariamente.

O meu silêncio de dois anos na Rússia

Durante a minha permanência de dois anos na Rússia apareceram na imprensa americana varios artigos que se diziam ou-

Gonçalez Pacheco, não vibrasse sonora num grito formidável, que ecoou em toda a sala: — «se não sabeis rugir nem chorar, ide ao menos em silencio, miseráveis».

Jornalistas

O dedicado camaradinho Eduardo Frias, figura eminente do anarquismo jornalístico, inseriu recentemente no órgão do fascismo umas entrevistas em que é feita uma energica defeza da situação ditatorial. Por outro lado o também eminente jornalista anarquista Campos Lima não teve pejo em fazer uso da palavra numa sessão solene presidida pelo impagavel ditador portuez Gomes da Costa.

Apesar de tudo isto ainda nos aparecem frequentemente umas cirrinhas sensatas a fazer-nos a apologia de toda esta cáfila de intrujões e de tratantes.

(Conclusão)

tras tantas entrevistas que comigo tinham tido os seus autores. Alguns diziam que me tinha transformado, que já não acreditava na revolução, e que me tinha convencido da necessidade dum governo. Diário houve que contou a história sensacional dum bandeira americana posta no meu quarto, á qual eu tinha erigido um altar. Em resumo: que tinha chegado a ser professora dum escola dominical, e que penitenciava arrependida os meus «pecados» contra o governo americano.

Tudo isto, está claro, é um perfeito absurdo. Nunca estive mais convencida das minhas ideias, nem nunca tive mais provas da lógica e da justiça da Anarquia.

Além disso não concedi entrevista alguma, nem me teria sido possível falar da Rússia durante o primeiro ano em que ali estive. Julgava então, e continuo julgando agora, que o problema russo é demasiado complicado para se poder falar dele facilmente. E' por isso que me parece que os livros escritos por pessoas que estiveram na Rússia semanas ou meses são superficiais.

Enquanto eu propria andei a tatear na obscuridade, nunca dei á publicidade uma opinião definida. E ainda, que o tivesse podido fazer, nunca seria a jornalistas. Considero necessário guardar silencio, enquanto as forças imperialistas tinham cercado a Rússia. Mas, ainda que não fosse assim, uma experiência de trinta anos em contacto com jornalistas mostrou-me que não são muito verdadeiros (havendo está claro, as suas excepções), e não seria certamente a eles, que exoria as minhas impressões num assunto tão delicado.

Contudo agora passou a hora do silencio e considero necessário falar. Não me passam despercebidas as dificuldades que se me apresentam. Sei que vou ser combatida pelos reaccionarios inimigos da revolução russa, e escomungada pelos que se dizem seus amigos, e que persistem em confundir lastimosamente o partido bolchevista com a revolução. Por isso considero necessário concretisar claramente a minha posição em face de ambos.

Ha quatro anos o governo dos Estados Unidos accusou-me de traição, expulsou-me do meu lar na escuridão da noite, e obrigou-me a sair do país. E tudo isso, porque levantei a minha voz contra a guerra mundial a destruição e a ruína, que se avizinhava e a dolorosa perda de vidas. Foi esse o meu crime. E desde então até hoje muitos têm observado que todos nós que não nos deixamos arrastar pelo furacão da guerra tinhamos razão, porque a guerra tinha sido criada e mantida por conveniencias capitalistas, e aquilo da «guerra pela Democracia para acabar com a guerra» era simplesmente uma história.

A despeito do esforço dalguns, o rei-homem com o espectro da Morte nos lábios, passeou orgulhoso pelos campos arrasados, enquanto os que a tinham provocado, gozavam os lucros que lhes proporcionava a matança. E não contentes com os milhões de vidas perdidas e metade de terra devastada, encerraram o mundo num calabouço, no qual a Liberdade dos povos, conquistada á custa de tantos sacrificios, ficava manietada ao seu capricho de déspotas.

«A democrática America» noutro tempo «Terra de Liberdade, lugar dos heroes»; a Inglaterra, antigo asilo dos rebeldes do mundo; a França, que proclamou os direitos do Homem, berço da Liberdade, e muitos outros povos, que são agora senão desertos espirituais, com as suas portas fechadas á hospitalidade e a toda iniciativa de progresso?...

Sómente os rugidos das multidões dos desocupados e os gritos dos militantes operários encarcerados, perturbam o silencio tenebroso do que poderíamos chamar o «Cemitério do pensamentos».

Certamente, os senhores da guerra podem estar orgulhosos da sua obra. O tacão de ferro calca a frente dos povos. O triunfo foi completo. Mas, no entanto, alguma coisa resta ainda: Af está a Rússia!...

Esses dois amigos inseparáveis — Alta Finança e Militarismo — não tinham contacto com a revolução russa; Como se atreveu esse povo a provocar uma conflagração que podia muito bem ter pegado o fogo de revolução no mundo inteiro no momento preciso em que o Militarismo e o Capitalismo contavam com um triunfo definitivo? Alguma coisa se tinha que fazer para destruir essa chama perigosa, que é a revolução russa.

Durante a guerra contra a Alemanha afirmava-se hipocritamente: «Nós não combatemos o povo alemão, mas o militarismo alemão». E a mesma afirmação hipocrita se ouvia, quando da «sagrada cruzada contra a Rússia». «Não é contra o povo russo, mas contra os bolchevistas».

Eles instigaram a revolução, e devem ser exterminados».

E o avanço sobre a Rússia começou. Os intervencionistas assassinaram milhes de russos, o bloqueio fez perecer de fome e de frio milhes de mulheres e de crianças, e a Rússia converteu-se num deserto de agonia e desespero. Destruiu-se a revolução russa, e o partido bolchevista agarrou-se ao poder. Foi este o resultado de 4 anos de conspiração contra a Rússia pelos imperialistas do mundo.

Como pode suceder isto? Fácilmente; o povo russo, que foi o unico que na verdade fez a revolução, e que se achava disposto a defendê-la a todo o custo, estava demasiado ocupado na frente de batalha para prestar atenção aos inimigos que tinha em casa. E enquanto os operários e camponeses russos ofereciam as suas vidas nas trincheiras este inimigo interno foi-se apoderando do Poder cautelosamente, e, lentamente, mas com segurança, criou o Estado centralizado, e destruiu os sóviets. Es-